

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
CENTRO DE ESTUDOS GERAIS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
4º SEMESTRE/2004  
DISCIPLINA: HISTÓRIA ECONÔMICO-SOCIAL – SEMINÁRIO IX  
PROFESSOR: GERALDO BEAUCLAIR  
ALUNO: EVANDRO DE OLIVEIRA MACHADO

### FUNDAMENTOS PARA A COMPREENSÃO DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

Notas sobre o primeiro capítulo de *A IDEOLOGIA ALEMÃ* de Karl Marx e Friedrich Engels,  
escrito em Bruxelas, entre novembro de 1845 e agosto de 1846.<sup>1</sup>

Filosofia, economia política, história, enfim, matérias-primas de várias naturezas foram utilizadas por Marx e Engels na elaboração de “A ideologia Alemã”. Sem sombra de dúvidas, a concepção hegeliana de que as coisas só podem ser compreendidas na sua totalidade está aqui presente com todo o vigor.<sup>2</sup> A concepção materialista da história pode ser, nestas condições, concebida como a síntese de múltiplas determinações, inclusive – e sobretudo – históricas. Dito de outra forma, um produto do desenvolvimento histórico tanto do pensamento quanto do mundo objetivo.<sup>3</sup>

Compreender o mundo, eis a questão. Mas para quê? Para transformá-lo<sup>4</sup>. Aqui reside uma espécie de fio condutor de todo o pensamento dos autores, uma preocupação que atravessa todo o texto. É a partir deste objetivo que podemos compreender a indignação – expressa pelas constantes ironias – com a filosofia clássica alemã, precisamente o seu isolamento dos problemas do mundo. O primeiro parágrafo já começa com um ataque brutal a este tipo de filosofia. A “revolução” da filosofia alemã teria sido tão avassaladora que, tendo-a por referência, a Revolução Francesa seria uma “brincadeira de crianças”. E logo a seguir, um tiro de misericórdia, digno de um parágrafo só seu: “Tudo isto teria ocorrido no pensamento puro”<sup>5</sup>. Francamente, é impossível

<sup>1</sup> Marx, Karl; Engels, Friedrich; *Obras Escolhidas em Três Tomos*; Edições “Avante!” – Lisboa, Edições Progresso – Moscovo; 1982; Tomo I; pp. 4 - 75.

<sup>2</sup> “Los <objetos> no son propriamente objetos, o cosas aparte, sino <momentos> del todo, según Hegel, y considerados puramente em sí mismos, aislados, son <falsos>”. “La verdad es el todo [Hegel]”. HIRSCHBERGER, J. (tradução espanhola); *De Descartes ao Idealismo*, Frankfurt, Universität Goethe, 1954, p. 227.

<sup>3</sup> “Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história. [Não é que para eles a Física, a Química, etc. não fossem ciência. É, sim, pensar que o estudo da Física, por exemplo, é o estudo da história do pensamento físico, e por aí vai.] A história pode ser considerada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. No entanto, estes dois aspectos não se podem separar; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens condicionam-se mutuamente. A história da natureza, a chamada ciência da natureza, não é a que aqui nos interessa; a história dos homens, porém, teremos de entrar, visto que quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção deturpada desta história ou a uma completa abstracção dela. A ideologia é, ela mesma, apenas um dos aspectos desta história”. Marx, Karl; Engels, Friedrich; op. cit.; p. 5. Como se vê, marcham juntas e condicionando-se mutuamente a história da natureza e a história dos homens, compreendendo como parte da história dos homens a ideologia. Não dizem claramente que a ideologia também condiciona e é também condicionada pela história da natureza e pela história “material” dos homens, mas creio que tal pensamento encontra-se implícito no texto. Os autores partem do princípio de que tudo se relaciona, de que nada tem vida isolada e, portanto, nada está imune a condicionar e ser condicionado por outros fenômenos ou processos.

<sup>4</sup> “Os filósofos têm apenas interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo”. Idem; p. 3 (Marx - Teses sobre Feuerbach).

<sup>5</sup> “Segundo anunciam ideólogos alemães, a Alemanha passou nos últimos anos por uma revolução sem paralelo. O processo de decomposição do sistema de Hegel, iniciado com Strauss, transformou-se numa

segurar o riso...<sup>6</sup> Mas é também este mesmo fio condutor que nos permite compreender a lógica dos argumentos usados no combate às diversas correntes filosóficas em curso; um instrumento de medição, eu diria. A importância de qualquer filosofia seria dada pela sua capacidade de compreender o mundo e, por conseguinte, transformá-lo. É neste sentido, por exemplo, que para eles as concepções de Feuerbach constituiriam um progresso, um meio caminho entre os velhos hegelianos e o materialismo histórico.

“A crítica alemã não abandonou, até aos seus esforços mais recentes, o terreno da filosofia”.<sup>7</sup> Novamente é posta a questão do isolamento da filosofia alemã do mundo objetivo. Existe um mundo objetivo para o qual os filósofos alemães dão as costas. Como já foi visto na nota de rodapé de nº 3, é somente no estabelecimento de relações dialéticas entre a história da natureza, a história do homem e a história do pensamento humano que se pode avançar na construção de uma filosofia que compreenda o mundo para transformá-lo. Enquanto os filósofos não romperem com este isolamento do mundo das idéias com o mundo objetivo, material, não ultrapassarão os limites da filosofia de Hegel.<sup>8</sup> “Os mais novos dentre eles [dentre os Jovens-Hegelianos] encontraram a expressão correta para a sua atividade quando afirmam que lutam apenas contra ‘frases’. Esquecem, apenas, que estas mesmas frases nada opõem senão frases, e que de modo nenhum combatem o mundo real existente se combaterem apenas as frases deste mundo. Os únicos resultados a que esta crítica filosófica pôde conduzir foram alguns esclarecimentos, e ainda por cima unilaterais – de história da religião -, sobre o cristianismo; todas as suas demais afirmações são apenas outros tantos adornos para a sua pretensão de haverem proporcionado, com estes esclarecimentos insignificantes, descobertas de importância histórica e universal. [§] Não ocorreu a nenhum destes filósofos procurar a conexão da filosofia alemã com a realidade alemã, a conexão da sua crítica com o seu próprio ambiente material (grifos meus)” (Ibidem, pp. 7 e 8).

## PILARES DA CONCEPÇÃO MATERIALISTA DA HISTÓRIA

### 1 - Os homens existem independentemente de nossa consciência e fora dela.

Dito de outra forma, os homens existem, em carne e osso; formam sociedades, produzem cultura; trabalham, modificam a natureza; matam-se uns aos outros; enfim... Produzem idéias que nem sempre são verdadeiras (algumas afirmações idealistas de Hegel, por exemplo) mas as idéias, em si mesmas, existem (nos cérebros humanos, é claro) ainda que

---

fermentação universal para a qual são arrastados todos os ‘poderes do passado’. No caos geral, poderosos impérios se formaram para logo de novo ruírem, emergiram momentaneamente heróis para serem de novo remetidos para a obscuridade por rivais ousados e mais poderosos. Foi uma revolução ao pé da qual a Revolução Francesa é uma brincadeira de crianças; (...) Os princípios expulsaram-se uns aos outros, os heróis do pensamento derrubaram-se uns aos outros com uma pressa inaudita, e nos três anos entre 1842 e 1845 varreu-se mais do passado na Alemanha do que anteriormente em três séculos.

Tudo isto teria ocorrido no pensamento puro.” Ibidem; p. 4.

<sup>6</sup> “A *Ideologia Alemã* denota uma mestria polêmica [o acento errado, dentre outros erros, é do tradutor] que parece ter duplicado de vigor com a colaboração. Depois da morte de Marx, Engels descobriu entre os seus manuscritos *A Ideologia Alemã* e leu um capítulo à filha mais nova do defunto, Eleanor, e a Helene Demuth. As suas ouvintes divertiram-se muito. Numa carta datada de 2 de junho de 1883 a outra filha de Marx, Laura, Engels escreve que Helene Demuth declarara: ‘Sei agora porque é que vocês os dois se riram tanto naquela noite em Bruxelas, ao ponto de por isso ninguém da casa ter podido dormir.’” Marx, Karl; *BIOGRAFIA*; Edições Progresso – Moscovo, Edições “Avante!” – Lisboa; 1983; p.109.

<sup>7</sup> A IDEOLOGIA ALEMÃ; op. cit; p. 6.

<sup>8</sup> “Esta dependência de Hegel é a razão pela qual nenhum destes críticos mais recentes tentou sequer uma crítica ampla do sistema de Hegel, por mais que cada um deles afirme estar para além de Hegel”. Idem; p 6.

algumas delas possam nos provocar gargalhadas homéricas... A natureza também existe independente da nossa vontade, e já existia antes de nela aparecerem os homens.<sup>9</sup>

2 – **Para que os homens continuem existindo, precisam comer, morar, vestir, se reproduzir, etc.**<sup>10</sup> No seu enfrentamento com a natureza, caçando, coletando, vai aprendendo a plantar, a domesticar animais ao mesmo tempo em que a população cresce. Não se trata aqui de se saber o que ocorreu primeiro: se o aumento da população teria empurrado o homem à procura de novas fontes de vida (agricultura, pecuária) ou se a

---

<sup>9</sup> “As premissas com que começamos não são arbitrárias, não são dogmas, são premissas reais, e delas só na imaginação se pode abstrair. São os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de vida, tanto as que encontraram como as que produziram pela sua própria ação. Estas premissas são, portanto, constatáveis de um modo puramente empírico. [§] A primeira premissa de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. [No manuscrito encontra-se riscado o passo seguinte: O primeiro acto *histórico* destes indivíduos pelo qual se distinguem dos animais não é o de pensarem, mas o de começarem a *produzir os seus meios de vida*.] O primeiro facto a constatar é, portanto, a organização física destes indivíduos e a relação que por isso existe com o resto da natureza.” Ibidem, p. 8. Um exemplo de organização física dos indivíduos condicionado pela natureza é a capacidade muscular do corpo humano adaptada à gravidade do planeta Terra (aceleração de 9,8 m/s<sup>2</sup>). Se morássemos na Lua, cuja gravidade é menor, nossa musculatura seria bem mais frágil porque menos solicitada. Quanto ao trecho do manuscrito riscado (O primeiro acto *histórico* ...), é difícil saber por que o fizeram. No trecho riscado, a diferença fundamental entre o homem e o animal residiria no fato de que o homem produz os seus meios de vida. Ao fazê-lo, daria início a sua história propriamente humana. A ênfase é dada ao ato prático do homem na produção dos seus meios de vida. O pensamento não seria o primeiro ato histórico do homem. No parágrafo seguinte, todavia, o sentido do que foi riscado reaparece, mas com nova redação: “Podemos distinguir os homens dos animais pela consciência, pela religião, por tudo o que se quiser. Mas eles começam a distinguir-se dos animais assim que começam a *produzir* os seus meios de vida (...)”. No entanto, numa passagem de O Capital, de Marx (Livro I) publicado somente em 1867 (21 anos depois de *A Ideologia Alemã*) já podemos ver uma certa inversão, ou seja: a ênfase é dada ao pensamento e não à atividade prática do homem na produção dos seus meios de vida; senão vejamos. “Não se trata aqui das formas instintivas, animais, de trabalho. Quando o trabalhador chega ao mercado para vender sua força de trabalho, é imensa a distância histórica que medeia entre sua condição e a do homem primitivo com sua forma ainda instintiva de trabalho. Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. No fim do processo do trabalho aparece um resultado que já existia antes idealmente na imaginação do trabalhador” (grifo meu). Marx, Karl; *O Capital*; Livro I, Volume I; Editora Bertrand Brasil S.A.; Rio de Janeiro; 1988; p. 42. Como se vê, no Capital é dado maior ênfase à capacidade de pensar do homem, de projetar antes de propriamente iniciar a sua atividade prática na produção dos seus meios de vida. Poderíamos dizer, buscando uma síntese, que o homem é diferente do animal não porque tem consciência ou porque trabalha - mas porque o seu trabalho é consciente.

<sup>10</sup> “O primeiro acto histórico é, portanto, a produção dos meios para a satisfação destas necessidades, a produção da própria vida material, e a verdade é que este é um acto histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, tal como há milhares de anos, tem de ser realizado dia a dia, hora a hora, para ao menos manter os homens vivos. (...) O segundo ponto é este: a própria primeira necessidade satisfeita, a acção da satisfação e o instrumento já adquirido da satisfação, conduz a novas necessidades – e esta produção de novas necessidades é o primeiro acto histórico [aqui reside um problema: Marx/Engels repete a numeração, ou seja, continua como *primeiro ato histórico*, quando o que temos é um *segundo ato histórico*. Mas, no fundo, tal numeração não tem importância nenhuma, pois o próprio Marx/Engels vai escrever lá na frente o seguinte: (...) *estas três facetas da actividade social não devem ser entendidas como três fases diferentes, mas apenas como três facetas ou (...) três ‘momentos’ que, desde o começo da história e desde os primeiros homens, existiram simultaneamente, e que ainda hoje se afirmam na história.* ] (...) A terceira relação, que logo desde o início entra no desenvolvimento histórico, é esta: os homens que, dia a dia, renovam a sua própria vida começam a fazer outros homens, a reproduzir-se – a relação entre homem e mulher, pais e filhos, a *família*. Esta família, que a princípio é a única relação social, torna-se mais tarde, quando o aumento das necessidades cria novas relações sociais e o aumento do número dos homens cria novas necessidades, uma relação subordinada”. A IDEOLOGIA ALEMÃ; op. cit; pp. 20 e 21.

descoberta de novas fontes de vida teriam permitido o aumento da população. Isto nunca saberemos, mas penso que um processo se alimentava do outro, dialeticamente.<sup>11</sup>

3 - Continuando, como os homens precisam comer, morar, vestir, e como a natureza oferece limites à disponibilidade de alimentos e caças, e como também não existem árvores que dêem casas e roupas, eis que **o homem**, para não se submeter aos caprichos reguladores de população da natureza, **está condenado a trabalhar**. Não é uma opção, uma escolha; é um imperativo contra o qual não pode se eximir. O desenvolvimento das forças produtivas reduz o tempo gasto na produção dos meios de vida, mas nunca será capaz de eliminá-lo. **É, pois, o destino do homem, o trabalho**.

4 - No seu enfrentamento com a natureza, associa-se com os seus iguais. Não pode caçar um animal selvagem sozinho. Precisa de ajuda para cercá-lo antes que fuja. Precisa de ajuda para o duro trabalho da agricultura, etc. Aqui também não se trata de uma opção, de uma escolha: é mais um imperativo contra o qual nada pode fazer. Ainda que odeie todos os seus semelhantes, está condenado a precisar deles para sobreviver. **É, pois, o destino do homem, estabelecer relações com seus semelhantes, relações sociais de produção dos meios de vida, relações de produção**.<sup>12</sup>

5 - Os homens existem, e para continuarem existindo precisam comer, vestir, morar. Para tanto, devem trabalhar. A necessidade impõe o estabelecimento de relações de produção.<sup>13</sup> É importante percebermos que até agora o homem não teve escolhas. Ele vive sem que tivesse pedido para nascer; ele tem que se alimentar e para tanto não lhe resta outra alternativa a não ser trabalhar. É frágil individualmente; precisa de seus companheiros, ainda que asquerosos, para sobreviver. Não têm escolhas! O tipo de relação que irá estabelecer com seus companheiros vai depender de uma série de fatores, como o grau de divisão social do trabalho, dentre tantos outros. Ora, nestas condições, com tantas determinações objetivas, é quase uma insensatez dizer que este homem, preso às circunstâncias, possa ser qualquer outra coisa senão um produto do seu tempo, do seu meio geográfico e cultural, do nível de desenvolvimento das forças produtivas de sua época, das relações de propriedade e de sua posição ocupada nesta relação, etc. **“Aquilo que os indivíduos são depende, portanto, das condições materiais da sua produção”**.<sup>14</sup>

---

<sup>11</sup> “Esta produção só surge com o *aumento da população*. Ela própria pressupõe, por seu turno, um *intercâmbio* [Verkehr\*] dos indivíduos entre si. A forma deste intercâmbio é, por sua vez, condicionada pela produção. { \*Nota: o termo *Verkehr* em *A Ideologia Alemã* tem um conteúdo muito amplo. Inclui o intercâmbio material e espiritual de indivíduos, grupos sociais e países inteiros (grifo meu). Na sua obra, Marx e Engels mostram que o intercâmbio material, e sobretudo o intercâmbio entre as pessoas no processo de produção, constitui a base de qualquer outro intercâmbio. Nos termos *Verkehrsform*, *Verkehrsweise*, *Verkehrsverhältnisse*, *Produktions- und Verkehrsverhältnisse* (“forma de intercâmbio”, “modo de intercâmbio”, “relações de intercâmbio”, “relações de produção e de intercâmbio”), que são utilizados em *A Ideologia Alemã*, encontrou expressão o conceito de relações de produção (grifo meu), que nesta altura estava a ser elaborado por Marx e Engels}. Relações de produção, como se vê, não são apenas relações econômicas.

<sup>12</sup> Vide nota de rodapé nº 11 – notadamente a amplitude do conceito de *relações de produção*.

<sup>13</sup> Existe um samba do Bezerra da Silva que diz o seguinte: “*A necessidade obrigou você me procurar. Você era orgulhosa, mas a necessidade acabou com a sua prosa*”. Tem tudo a ver!... Bem; ... eu acho.

<sup>14</sup> A IDEOLOGIA ALEMÃ; op. cit; p. 9. Esta lógica nos conduz inexoravelmente aos conceitos de “ser social” e “consciência social”. “Condições materiais da sua produção”: é preciso conceber esta palavra “matéria” não no seu sentido vulgar, do senso comum, enfim, algo palpável, objetos físicos, etc. “Matéria” aqui deve ser vista como uma categoria filosófica, tudo aquilo que existe independentemente e fora da nossa consciência. Neste sentido, o mundo material é o mundo objetivo. Engloba as relações econômicas, políticas, enfim, engloba tudo o que seja produto da relação entre os homens e entre os homens e a natureza, ficando de fora apenas os pensamentos, as ideologias e etc., que emergem deste mundo material. As relações de produção são relações que os homens obrigatoriamente, como já foi discutido, estabelecem

É evidente que as condições materiais de existência dos homens são, em última análise, EM ÚLTIMA INSTÂNCIA, determinantes. Mas só isso!!! Marx e Engels eram dialéticos e sabiam muito bem que os homens eram condicionados pelas circunstâncias que, por sua vez, eram modificadas pelos próprios homens. O condicionamento aqui limita-se àqueles parâmetros dentro dos quais os homens fazem as suas escolhas. Não estava dado, por exemplo, aos portugueses do século XVI a escolha do avião como meio de transporte para atravessarem o Atlântico. Marx jamais teria posto a questão de estudar ou não o modo de produção capitalista se estivesse nascido no século VIII. Mas poderia não ter escrito *O Capital*. Poderia ter optado por uma bela e confortável carreira de advogado. As circunstâncias do seu tempo, porém, já estavam historicamente determinadas. Neste sentido, não teve escolha. Dito de outra forma, quando veio ao mundo já existia um mundo dado. Nasceu numa sociedade já dada, numa cultura posta, enfim... Portanto, foi obrigado a encarar as mazelas do século XIX. As escolhas de qualquer homem são limitadas pelas circunstâncias do seu tempo e do seu espaço.

Temos, pois, inicialmente, cinco imposições sobre as quais nada podemos fazer:

- 1 – Existimos independentemente de nossa consciência concordar com isto;**
- 2 - Para que continuemos existindo, precisaremos comer, morar, vestir, nos reproduzir, etc.;**
- 3 - Estamos condenados a trabalhar;**
- 4 – Somos obrigados a estabelecer relações com nossos semelhantes, ainda que alguns deles sejam asquerosos, relações sociais de produção dos meios de vida, relações de produção; e**
- 5 - Aquilo que somos depende das condições materiais da nossa produção, da nossa existência.**

Estes são, a meu ver, os pilares sobre os quais se sustentam o materialismo histórico. É a partir deles que poderemos compreender outros conceitos: *forças produtivas, relações de produção, modo de produção, formação social, ser social, consciência social* dentre tantos outros.

Não poderíamos concluir sem tocarmos na estrutura ideológica: “A consciência é, pois, logo desde o começo, um produto social, e continuará a sê-lo enquanto existirem homens”.<sup>15</sup> A consciência emerge do mundo material, nunca o contrário.

-----  
Procurei, durante a minha exposição, destacar e comentar alguns trechos que desmontam certo preconceito contra os que defendem concepções marxistas, a saber, a de que são “deterministas econômicos”, ou seja, de que tudo seria explicado pelo econômico, não tendo muita importância outros aspectos da realidade objetiva, como a política, a ideologia, a cultura. Como se vê, puro preconceito.<sup>16</sup>

*Evandro de Oliveira Machado*  
*Em 19 de Dezembro de 2004*

---

entre si, independentemente de quererem ou não. É, pois, matéria. “[*Matéria é uma*] categoria filosófica para designar a realidade objectiva, que é dada ao homem nas suas sensações, que é copiada, fotografada, reflectida pelas nossas sensações, existindo independentemente delas”. Lénine, V. I.; *Materialismo e Empiriocriticismo*; Edições “Avante!” – Edições Progresso; Lisboa-Moscovo; 1982, p. 97.

<sup>15</sup> A IDEOLOGIA ALEMÃ; op. cit; p. 22.

<sup>16</sup> “(...) Segundo a concepção materialista da história, o fator que em **última instância** determina a história é a produção e reprodução da vida real. Nem Marx nem eu afirmamos nunca mais do que isso. Se alguém tergiversa dizendo que o fator econômico é o **único** determinante, converterá aquela tese numa frase vazia, abstrata, absurda.” (Engels, carta a J. Bloch, de 1890. Citado por Ciro Flamarion Cardoso, notas de aula sobre a economia antiga, cap. III, p. 14)